

Mestre pareceu contempla-los com entristecida piedade.

*

Nesse instante, os apostolos observaram que ele se erguia. Com espanto de todos, despiu a tunica singela e cingiu-se com uma toalha em torno dos rins, á moda dos escravos mais infimos, a serviço dos seus senhores. E, como se fossem dispensaveis as palavras naquela hora decisiva de exemplificação, tomou de um vaso de agua perfumada e, ajoelhando-se, começou a lavar os pés dos discípulos. Ante o protesto geral em face daquele ato de suprema humildade, Jesus repetiu o seu imorredoiro ensinamento:

— Vós me chamais Mestre e Senhor e dizeis bem, porque eu o sou. Se eu, Senhor e Mestre, vos lavo os pés, deveis igualmente lavar os pés uns aos outros no caminho da vida, porque no Reino do Bem e da Verdade o maior será sempre aquele que se fez sinceramente o menor de todos.

XXVI

A NEGAÇÃO DE PEDRO

O ato do Messias, lavando os pés de seus discípulos, encontrou certa incompreensão da parte de Simão Pedro. O velho pescador não concordava com semelhante ato de extrema submissão. E, chegada a sua vez, obtemperou, resoluto:

— Nunca me lavareis os pés, Mestre; meus companheiros estão sendo ingratos e duros neste instante, deixando-vos praticar esse gesto, como se fosseis um escravo vulgar.

Em seguida a essas palavras, lançou á assembleia um olhar de reprovação e desprezo, enquanto Jesus lhe respondia:

— Simão, não queiras ser melhor que os teus irmãos de apostolado, em nenhuma circunstância da vida. Em verdade, assevero-te que, sem o meu auxilio, não participarás com o meu espirito das alegrias supremas da redenção.

O antigo pescador de Cafarnaum aquietou-se um pouco, fazendo calar a voz de sua generosidade quasi infantil.

Terminada a lição e retomando o seu lugar á mesa, o Mestre parecia meditar gravemente. Logo após, todavia, dando a entender que sua visão

espiritual devassava os acontecimentos do futuro, sentenciou:

— Aproxima-se a hora do meu derradeiro testemunho! Sei, por antecipação, que todos vós estais dispersados nesse instante supremo. E' natural, porquanto ainda não estais preparados senão para aprender. Antes, porém, que eu parta, quero deixar-vos um novo mandamento, o de amar-vos uns aos outros como eu vos tenho amado; que sejais conhecidos como meus discípulos, não pela superioridade no mundo, pela demonstração de poderes espirituais, ou pelas vestes que envergueis na vida, mas pela revelação do amor com que vos amo, pela humildade que deverá ornar as vossas almas, pela boa disposição no sacrifício proprio.

Vendo que Jesus repetia, mais uma vez, aquelas recomendações de despedida, Pedro, dando expansão ao seu temperamento irrequieto, adiantou-se, indagando:

— Afinal, Senhor, para onde ides?

O Mestre lhe lançou um olhar sereno, fazendo-lhe sentir o interesse que lhe causava a sua curiosidade e redarguiu:

— Ainda não te encontrares preparado para seguir-me. O testemunho é de sacrifício e de extrema abnegação e somente mais tarde entrarás na posse da fortaleza indispensável.

Simão, no entanto, desejando provar por palavras aos companheiros o valor da sua dedicação, acrescentou, com certa enfase, no proposito de se impor á confiança do Messias:

— Não posso seguir-vos? Acaso, Mestre, podes deus duvidar de minha coragem? Então, não sou um homem? Por vós darei a minha propria vida.

O Cristo sorriu e ponderou:

— Pedro, a tua inquietação se faz credora de novos ensinamentos. A experincia te ensinará melhores conclusões, porque, em verdade, te afirmo que esta noite o galo não cantará, sem que me tenhas negado por tres vezes.

— Jusgais-me, então, um espirito mau e endurecido a esse ponto? — indagou o pescador, sentindo-se ofendido.

— Não, Pedro — adiantou o Mestre, com docura — não te suponho ingrato ou indiferente aos meus ensinos. Mas, vais aprender, ainda hoje, que o homem do mundo é mais fragil do que perverso.

*

Pedro não quiz acreditar nas afirmações do Messias e tão logo se verificara a sua prisão, no pressuposto de demonstrar o seu desassombro e boa disposição para a defesa do Evangelho do Reino, atacou com a espada um dos servos do sumo sacerdote de Jerusalém, compelindo o Mestre a mais severas observações. Consoante as afirmativas de Jesus, o collegio dos apostolos se dispersara, naquele momento de supremas resoluções. A humildade com que o Cristo se entregava desapontara a alguns deles, que não conseguiam compreender a transcendencia daquele Reino de Deus, sublimado e distante.

Pedro e João, observando que a detenção do Mestre pelos emissarios do Templo era facto consumado, combinaram, entre si, acompanhar, de longe, o grupo que se afastava, conduzindo o Messias. Debalde, procuraram os demais companheiros que, receosos da perseguição, haviam desbandado.

Ambos, no entanto, desejavam prestar a Jesus o auxilio necessario. Quem sabe poderiam encontrar um recurso de salva-lo? Era mistér certificarem-se de todas as ocorrências. Mobilizariam suas humildes relações em Jerusalém, a favor do Mestre querido. Compreendiam a extensão do perigo e as ameaças que lhes pesavam sobre a fronte. De instante a instante, eram surpreendidos por homens

do povo que, em palestras de caminho, acusavam a Jesus de feiticeiro e herético.

A noite cairia sobre a cidade.

Os dois discípulos observaram que a expedição de servos e soldados chegava à residência de Caifaz, onde o Cristo foi recolhido a uma cela humida, cujas grades davam para um pátio extenso.

O prisioneiro fôra trancado, por entre zombacias e impropérios. Ao grupo reduzido, juntava-se agora a massa popular, então em pleno alvorço festivo, nas comemorações da Páscoa. O pátio amplo foi invadido por uma aluvião de pessoas alegres.

Pedro e João compreenderam que as autoridades do Templo imprimiam caráter popular ao movimento de perseguição ao Messias, vingando-se de sua vitória na entrada triunfal em Jerusalém, como uma nova esperança para o coração dos desalentados e oprimidos.

Depois de ligeiro entendimento, o filho de Zebdeu voltou à Betânia, afim de colocar a mãe de Jesus ao corrente dos factos, enquanto Pedro se misturava à aglomeração, de maneira a observar em que poderia ser útil ao Messias.

O ambiente estava já preparado pelo farisaísmo para os tristes acontecimentos do dia imediato. Em todas as rodas, falava-se do Cristo como de um traidor ou revolucionário vulgar. Alguns comentadores mais exaltados o denunciavam como ladrão. Ridiculizava-se o seu ensinamento, zombava-se de sua exemplificação e não faltavam os que diziam, em voz alta, que o Profeta Nazareno havia chegado à cidade chefiando um bando de salteadores.

O velho pescador de Cafarnaum sentiu a hostilidade com que teria de lutar, afim de socorrer o Messias e experimentou um frio angustioso no coração. Sua resolução parecia vencida. A alma ansiosa se deixava dominar por duvidas e aflições.

Começou a pensar nos seus familiares, em suas necessidades comuns, nas convenções de Jerusalém que ele não poderia afrontar sem pesados castigos. Com o cérebro fervilhando de expectativas e cogitações de defesa própria, penetrou no pátio estenso, onde se adensava a multidão.

Para logo, uma das servas da casa se aproximou dele e exclamou, surpreendida:

— Não és tu um dos companheiros deste homem? — indagou, designando a cela onde Jesus se achava encarcerado.

O pescador refletiu um momento e, reconhecendo que o instante era decisivo, respondeu, disimulando a própria emoção:

— Estás enganada. Não sou.

O apóstolo ponderou aquela primeira negativa e poe-se a considerar que semelhante procedimento, aos seus olhos, era o mais razoável, porquanto tinha de empregar todas as possibilidades ao seu alcance, a favor de Jesus.

Fingindo despreocupação, o irmão de André se dirigiu a uma pequena aglomeração de populares, onde cada qual procurava esquivar-se ao frio intenso da noite, aquecendo-se junto de um brazeiro. Novamente um dos circunstantes, reconhecendo-o, o interpelou nestes termos:

— Então, vieste socorrer o teu Mestre?

— Que Mestre? — perguntou o pescador de Cafarnaum, entre receioso e assustado. — Nunca fui discípulo desse homem.

Fornecida essa explicação, todo o grupo se sentiu à vontade para comentar a situação do prisioneiro. Longas horas passaram-se para Simão Pedro, que tinha o coração a duelar-se com a própria consciência, naqueles instantes penosos em que fôra chamado ao testemunho. A noite ia adiantada, quando alguns servidores vieram servir bilhas de vinho. Um deles, encarando o discípulo com certo espanto, exclamou de súbito:

— E' este!... E' bem aquele discípulo que

nos atacou á espada, entre as arvores do horto!...

Simão ergueu-se palido e protestou:

— Estás enganado, amigo! Vê que isso não seria possivel!...

Logo que pronunciou sua derradeira negativa, os galos da vizinhança cantaram em vozes estri-dentes, anunciando a madrugada.

Pedro recordou as palavras do Mestre e sentiu-se perturbado por infinita angustia. Levantou-se cambaleante e, voltando-se instinctivamente para a cela em que o Mestre se achava prisioneiro, viu o semblante sereno de Jesus a contempla-lo através das grades singelas.

*

Presa de indizivel remorso, o apostolo retirou-se envergonhado de si mesmo. Dando alguns passos, alcançou os muros exteriores, onde se deteve a chorar amargamente. Ele, que fôra sempre homem ríspido e resoluto, que condenara invariavelmente os transviados da verdade e do bem, que nunca conseguira perdoar as mulheres mais infelizes, ali se encontrava, abatido como uma criança, em face de sua propria falta. Começava a entender a razão de certas experiencias dolorosas de seus irmãos em humanidade. Em seu espirito como que desabrochava uma fonte de novas considerações pelos infortunados da vida. Desejava, ansiosamente, ajoelhar-se ante o Messias e suplicar-lhe perdão para a sua queda dolorosa.

Através do véu de lagrimas que lhe obscurecia os olhos, Simão Pedro experimentou uma visão consoladora e generosa. Figurou-se-lhe que o Mestre vinha ve-lo, em espirito, na solidão da noite, trazendo nos labios aquele mesmo sorriso sereno de todos os dias. Ante a emoção confortadora e divina, Pedro ajoelhou-se e murmurou:

— Senhor, perdoai-me!

Mas, nesse instante, nada mais viu, na confusão de seus angustiados pensamentos. Luar alvissimo enfeitava de luz as vielas desoladas. Foi aí que o antigo pescador refletiu mais austeramente, lembrando as advertencias amigas de Jesus, quando lhe dizia: — "Pedro, o homem do mundo é mais fragil do que perverso!..."